

Jerusalinsky, Alfredo. *Saber falar: como se adquire a língua?* Rio de Janeiro, Ed. Vozes, 2008, 204 p.

Resenhado por: Luiza Milano Surreaux*

Sabe-se que a linguagem pode ser tomada em diferentes perspectivas teóricas, de acordo com a disciplina que dela se ocupa ou do direcionamento que se pretende dar ao estudo. Igualmente, no âmbito da clínica, faz-se necessário contextualizar o embasamento teórico que norteia a intervenção. Assim, a diversidade dos trabalhos sobre esses dois temas – linguagem e clínica –, somada à multiplicidade de abordagens do objeto impõem a necessidade da delimitação das especificidades desse campo. É justamente esse o ponto de partida do livro de Alfredo Jerusalinsky: ocupar-se da fronteira entre os campos da psicanálise e da linguística, desde a perspectiva da clínica que trabalha com a linguagem.

É sabido que as diferentes clínicas que demandam estudos aprofundados da linguagem têm interpelado a linguística, buscando respaldar seu fazer clínico com a linguagem em substratos dessa disciplina, por considerá-la autorizada a fornecer subsídios teóricos. Dessa forma, a obra de Jerusalinsky endereça à linguística questões conceituais referentes aos métodos de abordagem e às especificidades descritivas do objeto que tal disciplina em suas diferentes perspectivas teóricas instaura.

A forma como o autor encaminha seu percurso junto aos autores da linguística como Saussure, Jakobson, Benveniste e Chomsky tem formato bastante original. Assim, sua proposta instaura uma releitura desses linguistas, já que o objetivo não é buscar na linguística respostas que “facilitem” o acesso à. A leitura feita da linguística em sua obra atende à demanda de escuta que irrompe na clínica. Trata-se de um retorno muito próprio, que permite revisar os princípios contidos nos autores da linguística, a partir do ponto de interlocução desde o qual a releitura se coloca.

Para Saussure, é a língua que faz a unidade da linguagem. Esse parece ser um passo determinante para sistematizar o estudo do precursor da linguística moderna. O conceito de língua possibilita o acesso a uma parte desse todo heterogêneo e multifforme que é a linguagem. Ora, o risco para quem trabalha com a linguagem é querer tomar uma parte (língua) pelo todo (linguagem). Jerusalinsky deixa claro que o que está em questão é a linguagem, já que, no

Luiza Milano Surreaux é fonoaudióloga, doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e professora do Instituto de Letras da UFRGS.

âmbito da psicanálise de filiação freudo-lacaniana (de certa forma pautada pela releitura muito própria que Lacan faz da obra Saussure) definitivamente não se trata de uma “clínica da língua”. O “saber falar” proposto no título do livro aponta para um “saber fazer com a língua” aquilo que é instanciado no âmbito da linguagem.

O destaque feito acima – que a linguagem é heteróclita e multiforme – permite redimensionar o famoso apotegma lacaniano *o inconsciente está estruturado como uma linguagem*. Como destaca o autor (p.104), o que ali está sendo dito não equivale a afirmar que o inconsciente é uma linguagem, mas que sua trama é análoga àquela que a linguagem apresenta. Parece importante destacar que o inconsciente não está estruturado com uma língua (que pode ter uma sistematicidade previsível), mas como uma linguagem, que é sempre da ordem do heteróclito e multiforme.

Entre o regular da língua e o heteróclito da linguagem brota a fala do sujeito. De acordo com Jerusalinsky (p.139), o sujeito interroga a língua com sua fala, pois é desse modo que os significantes abrocham seu sentido no significado que a língua lhes empresta. Ou seja, a língua está ali como virtualidade de um “vir a ser” que só se realiza quando o sujeito se põe a falar.

Por esse viés, percebe-se em sua proposta um diálogo com uma concepção de linguagem que comporta a “falha”, o não-todo. Em sua tradição científica, a linguística não contempla aquilo que não vai bem na linguagem. Talvez a instância da *falha* tenha sido descartada porque a configuração epistemológica do campo da linguística impõe rigidez na busca pela regularidade (cf. Milner 1987, 2000¹).

A ocorrência de equívocos de fala usualmente provoca certo mal-estar nos estudos oriundos do campo da linguística. No entanto, o mesmo não se pode dizer do terreno da psicanálise. Se na primeira eles são deixados de lado, na segunda, são matéria valiosíssima, cuja trama constrói o enredo de uma análise. Conforme destaca Jerusalinsky (p. 102), a psicanálise entra nas questões da linguagem através da fala. A tradição em linguística, ao contrário, tende a um compromisso com o estudo da língua, o que, de certa forma, higieniza seu ambiente de pesquisa (por não correr o risco de a fala “contaminar” a língua). Alfredo Jerusalinsky assim re-atualiza a instigante reflexão acerca da *falha* na fala, apresentada por Freud (ainda neurologista), no texto das afasias (1891)². No referido texto, Freud aponta a similaridade existente entre a fala sintomática do sujeito afásico e os erros de fala cotidianos (lapsos, equívocos, esquecimentos) presentes em qualquer falante em situação de cansaço ou atenção distraída.

Conforme aponta Milner (1987), para se constituir como ciência, a linguística precisou ignorar a falta constitutiva de seu objeto para propô-lo como pas-

¹ MILNER, J.-C. O amor da língua. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.

MILNER, J.-C. Introducción a una ciencia del lenguaje. Buenos Aires, Bordes Manantial, 2000.

² FREUD, S. A interpretação das afasias. Lisboa, Edições 70, (1ªed.1891) 1977.

sível de ser apreendido numa suposta completude. Produziu-se, assim, com esse recalçamento, um Real³. Se, por um lado, na abordagem prevista pela linguística para o objeto língua não está contida a idéia de falta ou de *falha*, por outro lado, pode-se dizer que ela estava ali desde o princípio, silenciada. E é pela abordagem desta fala “esquecida” ou “silenciada” na tradição linguística que Jerusalinsky entra: “a linguagem parece ser mais poderosa do que os conhecimentos que ela mesma suporta” (p.19). Daí a brecha para se olhar para a língua da linguística através de *lalangue*⁴ da psicanálise. Segundo Jerusalinsky (p.158), a entrada da criança na linguagem se faz mais pela via do equívoco que o significante permite, do que por um contrato entre significante e significado que a língua propõe num *a priori*.

O que seria de uma língua se ninguém a falasse? É a partir do compromisso com a fala do sujeito, que Jerusalinsky apresenta no decorrer do livro dez casos clínicos, que costuram as propostas teorizadas desde a psicanálise e a linguística, com a fala cotidiana que brota na clínica psicanalítica. Os interrogantes do autor giram em torno da questão da apropriação que o bebê humano faz da língua na qual nasceu. O autor discute a noção de língua materna (como matriz necessária dos significantes primeiros), articulada à função do Nome-do-Pai como produtor do efeito simbólico de sentidos outros para os quais a língua materna está necessariamente ensurdecida. Por isso, a relação entre significante e significado não é de correspondência biunívoca, como a língua materna ilusoriamente prevê. A significação, portanto, deriva da passagem de um significante a outro e não da correspondência entre significante e significado.

Jerusalinsky aponta que o bebê humano nasce com o equipamento neurobiológico apto à incorporação da linguagem. No entanto, tão fundamental quanto o aparato orgânico é a intervenção do Outro⁵. Ou seja, nossos pequenos dependem da intervenção do Outro como sede da lei que recorta na linguagem a língua, como suporte material da ordem simbólica (p.64 e p.183). Nesse sentido, o autor nos aponta a “prematividade” do filhote humano em sua condição de total dependência do Outro, o qual funciona como matriz (matriz linguística e matriz edípica, cf. Jerusalinsky, p.142). Assim, segundo o autor, a língua não convenceu à criança que não é na sexualidade que se perfaz a relação, mas justamente onde ela fracassa. É na linguagem que ela encontrará posição na relação com seu semelhante. Exemplo disso aparece nas oposições

³ A noção de real implica aqui a idéia de algo que é incontornável e que, por não ser simbolizável, retorna sob forma de um mal-estar.

⁴ Lacan construiu o conceito de *lalangue* para nomear o inominável, o não-todo da língua.

⁵ Lacan diferencia o Outro (O), sujeito do discurso, do outro (o), que é o outro imaginário, numa situação dialógica dual. O Outro é o representante da lei, podendo ou não estar encarnado num corpo real. Visto que este Outro não é necessariamente um sujeito, deve-se considerá-lo como um lugar, uma instância atravessada pela linguagem.

fonológicas que começam a fazer sentido para o bebê: o que aparece e desaparece tem nome, embora este nomeie muito mais a perda do que o objeto em si.

Quanto à via pela qual o Outro instaura o filhote humano no campo da linguagem, Jerusalinsky tomará posição distinta de Jean Allouch⁶. Enquanto Allouch pressupõe que a linguagem se transmite como uma escrita prévia que se inverte na demanda (do adulto em relação à criança), Jerusalinsky propõe pensarmos a *transmissão da linguagem se operando por meio de uma fala*. Segundo Jerusalinsky, na perspectiva de Allouch, há risco do sistema da linguagem escrita configurar formas fechadas (enunciados) que possam obturar a configuração lacunar necessária para que a criança venha a preencher o buraco de uma falha lógica, ou seja, brecha para ali surgir um sujeito.

A *transmissão da linguagem se operando por meio de uma fala* gerará formas ímpares – porque sujeitas ao equívoco – de inscrição do sujeito na linguagem. Jerusalinsky aponta, então, particularidades presentes no discurso parental de crianças cuja psicopatologia indica formações enunciativas que o autor propõe tomarmos como matrizes. Assim, são propostas a matriz enunciativa das neuroses, a das psicoses, a das perversões e a do autismo.

Finalmente, cabe dizer que se o leitor ilude-se com o chamamento do título desse livro *Saber Falar*, já terá um bom motivo para realizar a travessia dessa importante contribuição de Jerusalinsky na fronteira entre a psicanálise e a linguística que, em bom romance, convida-nos a partilhar a discussão acerca de como se adquire a língua. Se terminarmos a travessia sem a resposta é porque justamente ela não é possível de ser apreendida. Damo-nos conta de que não é possível sair da linguagem para falar sobre ela: eis nossa condição de sujeitos na linguagem.

⁶ Allouch, J. *Letra a letra – transcrever, traduzir, transliterar*. Rio de Janeiro, Campo Matêmico, 1995.